

O Crepúsculo de Leibnitz

por HAN RYNER

Han Ryner, estilista de tantas páginas admiráveis da lingua francesa, pensador de larga visão e de aguda penetração filosófica, apóstolo duma atitude individualista e educacional ante a vida, acaba de falecer, aos 77 anos, cabo duma existência de probidade e de inteligente bondade para com os homens. Durante a guerra, êle como Rolland, como Nicolai e Netlau, esteve "au delà de la mêlée", acima das contendas, nas regiões da paz, numa altitude de Erasmo corajoso. Deu-se aos homens, ao saber, à cultura — na arte e na actuação social — o homem que a morte recentemente levou.

Os leitores terão na fantasia do "récit" que abaixo se publica os problemas que o ambiente social pôs ao espirito de Leibnitz na construção da sua filosofia — e a demonstração do que de positivo dela nos ficou.

Leibnitz foi durante muito tempo, na corte de Hannover, o mais admirado dos sábios e o mais escutado dos conselheiros. Mas a morte de Ernesto Augusto destruiu a sua influencia. Desprezando os principios politicos do filósofo e irritado porque êle não terminava os trabalhos históricos pelos quais era pago, o novo príncipe, Jorge Luis, considerava-o um mau servidor. O descrédito permitia a Leibnitz experimentar, não como outrora em «percepções confusas» que não chegam nunca à consciência, mas em «apercepções claras», a hostilidade dos devotos e dos invejosos. O sonho dêle era afastar-se. Queria acabar, bem ou mal, não importava, êsses odiosos, *Annales brunswickiennes de l'Empire d'Occident*, e depois retirar-se para Viena ou Paris. Então, entregar-se-lhe inteiramente, e feliz, aos trabalhos que lhe censuravam e aos quais sempre lamentou não dar senão poucas horas furtadas às outras occupações. Poderia, enfim, «escrever alguma coisa de seguido em filosofia».

Tinha pôsto em ordem as primeiras páginas dos *Annales*. Fatigado e indiferente, continuaria a tarefa à medida que o typógrafo o apressasse. Mas a doença tomou-o de surpresa e o septuagenário logo sentiu que não se levantaria mais.

—Assim a retirada será ainda melhor—disse.

Cristiano Wolf, o mais amado dos discípulos, ao saber do estado do mestre, apressou-se a vir de Halle, onde ensinava. Não veio só. Um jovem de vinte e três anos desejou acompanhá-lo.

Wolf amava, em Bilfinger, uma magnífica promessa. O aluno compreendia uma teoria antes mesmo dela ser completamente exposta e exprimia-a em melhores e mais cerradas fórmulas que as de Wolf. Mas, às vezes, combatia-a, seguidamente, com uma liberdade que feria o professor e um vigor dialético que o irritava. Nêsses dias, Wolf vociferava, blasfemo e imprudente. Injuriava «êsse garoto» em termos tão violentos como aqueles com o que o seu colega João Joaquim Lange, professor de teologia, o injuriava a êle próprio.

—E' Bilfinger que fala ou a sua juventude louca?

E acrescentava, severo e paternal:

—A tua juventude, odiosa depravação da intelligência, é pior, meu Bilfinger, que a dum depravado vulgar. Se não corriges prontamente os teus pensamentos, ou pelo menos as tuas palavras, não preciso de ser adivinho para te predir uma vida desgraçada.

Bilfinger, como única réplica, dizia, com a mais irónica acentuação, o provérbio favorito de Leibnitz e de Wolf:

—E' preciso falar com muito, ser sábio com pouco. O jovem tivera duas vezes a alegria profunda de conversar com Leibnitz, que notara a sua intelligência. O velho filósofo reconheceu-o, pelo que Bilfinger não ficou pouco orgulhoso. Após alguns cumprimentos, Leibnitz disse:

—Jovens amigos, quereria morrer, como vivi nas minhas raras horas livres, envolvido por pensamentos filosóficos. Mas não tenho nenhuma força para falar. Falai, portanto, vós, para que o meu pensamento continue preciso.

Bilfinger voltou-se inquieto para Cristiano Wolf, que fez um gesto de perturbação e de impossibilidade. Mas era para o jovem que Leibnitz olhava, e do qual parecia exigir a palavra. Bilfinger, após alguns instantes, abalançou-se balbuciando:

—Mestre admirável e admirado, tive esta manhã uma ideia que ides, sem dúvida, achar bizarra e absurda.

—Se te inquieta até êsse ponto—disse Leibnitz—tem grandes probabilidades de ser bela e preciosa.

—Conheci—continuou Bilfinger—uma mulher de belo rosto mas que coxeava muitíssimo. Imóvel, admirava-a. Ao andar, o rosto adquiria um aspecto que provocava escárnio, e êsse aspecto era dado pela luz. Ao mesmo tempo que me sentia irritado contra a luz ou contra o movimento era tentado, contudo, a rir-me como êles. Ora o pensamento que me encanta e me atormenta é uma comparação e o provérbio afirma que toda a comparação é uma manca. De forma que amo o meu pensamento e rio-me dêle.

—Excelente disposição! Sabes com que sorriso os pensamentos devem ser amados, com que amor merecem ser escarneados.

Mas, enquanto Leibnitz agitava assim as asas ligeiras da sua palavra, o pesado Wolf, sacudindo os largos ombros, gravemente exigia:

—Deixa êsses preâmbulos inúteis e diz, Bilfinger, o que tens a dizer.

—O preâmbulo—notou Leibnitz—é tão agradável como engenhoso e, em vários discursos, aquilo a que os reitores chamam o corpo faz-me lamentar o que chamam exordio.

Wolf sorriu-se, imitando o mestre, e acrescentou:

—O que dizeis é verdade, por exemplo, para os discursos dos negociantes e, sobretudo, das negociantes. O exordio é sorriso; o corpo engano e a peroração, roubo.

—Julgas, então, que Bilfinger nos quer roubar?

—Não deixariamos fazê-lo. Mas, se não podemos adivinhar ainda as suas intenções, o modesto exordio obriga a acautelar-me.

—Afasta, portanto, meu Bilfinger, a desconfiança de Wolf por um exordio *ex abrupto*. Coragem, jovem amigo. *Quousque tandem...*

—Não saberia—disse Bilfinger. Não forcemos o nosso talento. Uma vez que a natureza não impõe, serei antes o Catilina que abusa da paciência de Cicero-Wolf.

Leibnitz olhava umas vezes o fogoso Wolf, já vermelho e crispado; outras, Bilfinger, brando, delicado e matreiro.

—Há alguns dias encontrei um amigo—começou êste.

Mas Wolf:

—Que nos importa o amigo que encontraste! Faz-nos encontrar, enfim, sem mais espera, o pensamento que prometeste.

—O meu jardim não tem flores separadas da haste. Permitti que a minha humilde planta vo-la ofereça inteira com raízes e mesmo, para a não ferir, com um pouco da terra que as rodeia.

—Deixa falar Bilfinger—disse Leibnitz. A' sua juventude ainda encantadora como uma infância devemos a maior reverência.

—O amigo que encontrei tem uma occupação singular e talvez útil. Vai pelas aldeias e herdades, conversa com os camponeses, faz com que êles lhe narrem os velhos contos e escreve-os.

—Esse amigo é mais criança que tu—rangeu Wolf.

Mas Leibnitz, muito sorridente:

—Há infantilidades que eu aprecio. Camaristas e chanceleres, dos que conheci, chamavam infantilidade à nossa mais estimada occupação: a filosofia. Continua, meu Bilfinger.

—Entre os contos que recolhe, alguns interessam-no particularmente: aqueles que explicam de maneira poética e absurda uma realidade. Por exemplo, se a andorinha tem a cauda fendida, aberta em dois, é porque, perfidamente, a

cobra quis fazer dela refeição, mas só conseguiu arrancar-lhe algumas penas, por ser rápido o voo da ave. O ruído que o mosquito faz parece *zézaiement* porque, não sei em que circunstância, aquela andorinha quis arrancar-lhe a malvada lingua e só pôde cortar-lhe metade.

—Que tolices!—exclamou Wolf.

—Belas coisas!—admirado, disse Leibnitz. Mas não tens razão, Bilfinger, quando desdenhas as circunstâncias. Suponho que elas têm o seu valor.

Sorriu, mais afável que nunca.

—Eu é que não tenho razão quando não me satisfaço com o tesouro que me dás e lastimo as perdas que a tua natureza faz talvez inevitáveis. Continua, jovem amigo, o discurso que, a despeito das lacunas, me encanta como uma bela musica. E talvez que essas lacunas, se amanhã vivo, sejam preciosas, espaços vazios onde desabrocharão variados sonhos.

—O meu amigo só fala e entende o alemão, mas conhece, do alemão, todos os dialectos e corrupções. De forma que admiro nêle um raro sábio e êle me considera como uma espécie de sábio. Pediu-me que lhe arranjasse um nome para designar especificamente os contos que sobem, em sonho, para a causa dum facto real.

—Bilfinger deve estar encantado com êsse pedido.

—Rebuscando no pouco de grego que sei, procurei a palavra que significa causa. E propus que se chamasse a essas narrativas contos etiológicos.

—Belo nome e bem formado.

—Vêde agora—ides talvez achá-lo impio—o pensamento que me divertiu esta manhã. Disse-me que um sistema metafísico é um vasto conto etiológico.

—Blasfemo!—resmungou Wolf.

Contudo, Leibnitz:

—Estimo-te, meu Bilfinger, por muitas outras razões e porque tiveste êsse pensamento. Mas tu que, segundo me contaram, imprudentemente, tanto mal dizes dos devotos, porque não sorris aos dogmas religiosos como aos lindos contos etiológicos? Para se explicar o facto de que eu estime Jorge-Bernardo Bilfinger, fazem-nos descender dum mesmo pai e duma mesma mãe.

—Gostaria que o conto etiológico, desde que pretende explicar um facto importante, não fosse demasiadamente rústico e pueril. Esta é a razão porque, se o posso dizer sem imprudencia diante de M. Wolf, desprezo um pouco as abstracções da religiosidade. Mas, M. Wolf, se a religiosidade o satisfaz, que pede então à filosofia?

—Não contraries o nosso amigo. Diz-me, antes, se num conto etiológico, tens ainda a ingenuidade de procurar a verdade. Contentas-te, suponho, com um sorriso de explicação. Não tomas o fogo fátuo por um sol; mas o teu olhar divertido segue os caprichos garridos dos seus estos e dos seus abandonos.

—Um conto fere-me se, sem pudor, exclama: «Não sou um conto» e ainda: «Fora das minhas mentiras, não há verdade! Fora do meu inferno, não há salvação!» Mesmo a metafísica, por sábia e sedutora que seja, choca-me um pouco —se permittis que diga respetosamente todo o meu pensamento—desde que tem necessidade duma teodiccia.

—Depois de tanto blasfemares—gritou Wolf fora de si —é contra o nosso mestre bem amado que voltas a arma sordida das tuas blasfêmias.

Mas Leibnitz ria alegremente, dizendo:

—Quem não blasfema já não tem necessidade duma teodiccia. Quem não blasfema não sente já admiração ante o mundo ou ante a palavra do filósofo. Blasfema, portanto, meu Bilfinger, para que te ame mais ainda e para que me provees o teu amor. A mulher e a doutrina que amas, necessariamente as queres mais perfeitas do que é possível. Mas só esta exigencia e a injustiça das tuas censuras as levarão ao caminho da beleza realizável.

—Já comprehendeste, Bilfinger, que não falo a mesma

linguagem aos teólogos discípulos de Descartes, como Arnauld e Malebranche, que a usada para os velhos Escolásticos? Procuero ser entendido por aquele a quem me dirijo. Tento, sem irritá-lo, fazer-lhe aceitável uma parte do que me parece, se não verdadeiro, pelos menos verosímil. Contento-me, se a um espirito que fóra hostil e fechado como uma cidadela o faço acolher um pouco do meu pensamento. Conheces, creio, o meu amigo Raimundo de Montmort que é mais velho um ano ou dois que o nosso Wolf?

—Conheço-o, diz Bilfinger.

E Wolf, ao mesmo tempo, embora não interrogado:

—Quem não conhece o ilustre Raimundo de Montmort, o autor do *Essai d'analyse sur les jeux de hasard* e desse maravilhoso *Traité des suites infinies*?

—Pedi-lhe, portanto, que vos leia a carta que lhe dirigi com a *Monadologie*. Confessava-lhe que, nos jornais de Leipzig, me acomodo bem a linguagem da Escola; mas nos de Paris e da Holanda, acomodo-me antes ao estilo dos cartesianos.

—Mas por que não dizer, nitidamente, num estilo próprio e em linguagem pessoal, o que?...

—Tentei sempre, meu Bilfinger, aumentar o pouco de paz que existe entre os homens, e não a enorme quantidade de guerra que os lança uns contra outros. Sabes que trabalhei para aproximar as diversas confissões cristãs.

—Esforço inútil!

—Mas belo para tentar.

—Enquanto haja confissões cristãs—diz Bilfinger com um riso mais estridente e um pouco mais desprezivo do que queria.

—Haverá, meu Bilfinger, confissões religiosas mais tempo do que tu julgas.

—Liberto-me dos erros e rio-me do resto.

—Mesmo que o teu riso vá envenenar ou reacender a guerra?

—Honro em vós essas preocupações, mestre, que sois célebre e influente. Mas eu espero ficar sempre desconhecido...

—Dizes um pouco enfaticamente que te libertas de todos os erros. Eras mais modesto há pouco quando, sorrindo, entre os contos etiológicos fazias distincções. Esqueceste, então, que o erro é uma verdade menor; e, enquanto não conheças toda a verdade, permaneces em erro. Pouco importa, como diziam os estoicos sobre outro assunto, que te afogues à altura dum pé de água ou nas profundidades dum abismo. Por mim, quando quis supôr uma intelligencia conhecedora da verdade, divertia-me pensando na crença dos teólogos. Permite sonhos ao mesmo tempo soberbos e modestos.

—Mas o fundamento dessa crença não existe e o vosso lindo conto etiológico seria mais perfeito sem êsse personagem embaraçador e inútil.

—Gosto que os da tua força o suprimam. Mas recuso-me arrancá-lo a outros, que têm talvez necessidade dêle. Quer chamemos honradamente verdades aos erros dos homens ou quer, duramente, chamemos erros às suas verdades parciais, quis sempre fundamentar conjuntamente, numa doutrina embora incompleta, pois que sou homem, mas tão larga quanto possível, as formas mais opostas dos nossos devaneios religiosos ou filosóficos. Essa é a razão porque sempre me apliquei em resolver, sob o ponto de vista da minha filosofia, as dificuldades que inquietavam a fé dos meus contemporâneos. Quero que a minha filosofia venha a ser o grande templo onde todos possam reunir. Porque me pedes que fira aquêles a quem chamo? Não é mais belo compreender tudo? Não é mais belo, sabendo que toda a palavra tem uma razão sufficiente, amá-la na sua razão sufficiente; e, sabendo que toda a doutrina será insufficiente, não molestar as outras doutrinas com a dureza da sua própria insufficientia?

Bilfinger ia a falar. Leibnitz suspendeu-o:

—Amo a tua palavra. Ela é talvez a filha mais bem amada da minha própria palavra.

(Continua na página dezasseis)